



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17724 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS COMO UMA DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO CURRÍCULO DA CRECHE

Vigna Soraia de Jesus Barboza - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Marlene Oliveira dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS COMO UMA DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO CURRÍCULO DA CRECHE

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho em tela é um recorte da pesquisa, em nível de mestrado, intitulada “Currículos que emergem das práticas cotidianas com os bebês e crianças bem pequenas”. O estudo está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia e tem como objetivo analisar os currículos que emergem das práticas cotidianas com bebês e crianças bem pequenas em uma instituição pública de Educação Infantil. A pesquisa foi realizada em uma creche da rede municipal de São Francisco do Conde-Bahia e teve como sujeitos participantes uma turma de bebês e crianças bem pequenas, uma professora e duas agentes de apoio e inclusão.

Metodologicamente, é uma pesquisa qualitativa, pautada na observação de bebês e crianças bem pequenas. Como se trata de um público que utiliza pouco a oralidade e se expressa através do corpo, gestos, balbucios, sorriso, choro e do silêncio, optou-se pela utilização de um mosaico de métodos de procedimentos, a fim de capturar a melhor quantidade/qualidade de dados, dentre eles destacam-se: a observação, a fotografia, a gravação em vídeo, diário de campo e a entrevista. Para tal, buscou-se referencial teórico em Bogdan; Biklen (1994), Vasconcelos (2015) e Nunes (2019).

A tecitura teórico-metodológica foi feita em diálogo com Santos (2024), Horn (2017), Bento (2012), Forneiro (1998), entre outros. Partiu-se do pressuposto de

que o espaço, entendido como estrutura física e suas materialidades, expressa a concepção de criança e infância. Logo, além dos profissionais da educação, outros atores envolvidos na construção de uma instituição de Educação Infantil, precisam se apropriar desse princípio e da compreensão de que o espaço físico é matizado de aspectos políticos que incidem na decisão de onde e como uma creche será construída (fácil acesso/difícil acesso), de qual será a sua arquitetura, se ela propiciará segurança e autonomia às crianças, se os mobiliários fornecidos estão de acordo a faixa etária dos bebês e das crianças bem pequenas. Junto a isso, quando se pensa na dimensão do professor como aquele que organiza, seleciona, medeia o que acontece no cotidiano, fica evidente que o espaço “não é simplesmente um cenário na educação infantil, ele revela concepções de infância, da criança, da educação, do ensino e da aprendizagem que se traduzem no modo como se organizam os móveis, os brinquedos, e os materiais com os quais interagem” (Horn, 2017, p.17). Diante disso, fica evidente que o espaço é fundante para/no desenvolvimento das crianças, pois se constitui como parte estruturante do currículo que é vivido na creche.

2 DESENVOLVIMENTO

Os termos espaço e ambiente costumam ser encontrados na literatura de maneira equivalentes, no entanto, Forneiro (1998) realça que o espaço físico está relacionado com o lugar em que acontecem as atividades, nos quais são disponibilizados materiais didáticos, objetos, decoração. Enquanto o ambiente é algo maior, é todo o conjunto que compõe o espaço físico, até mesmo as questões subjetivas como as relações interpessoais que são estabelecidas entre as crianças e entre as crianças e os adultos.

O espaço é um importante elemento curricular, que, de acordo com Santos (2017), pode emergir currículos que são vividos e praticados diariamente, logo que a forma como ele está organizado, pode favorecer (ou não), o desenvolvimento da prática pedagógica, bem como o desenvolvimento físico, cognitivo e social dos sujeitos que ocupam diariamente estes espaços. Segundo Bento (2012, p. 19), “Os espaços não são neutros, sua organização expressa valores e atitudes que educam”. Para isso, é impreterível que se organize um espaço, de maneira representativa, acessível e que possibilite às crianças experiências genuínas, criando oportunidades para a valorização das interações que são produzidas entre os bebês e as crianças bem pequenas.

Desse modo, os espaços e os ambientes da creche, principalmente a sala, que é o espaço em que os bebês e as crianças bem pequenas ficam a maior parte do tempo, precisam oferecer conforto e segurança, não só para as elas, mas também para as suas famílias, que confiam a este espaço como lugar de educação, e cuidado, no qual os seus filhos passam grande parte do tempo. Por

isso, precisa ser um espaço de referência identitária e de “empatia para ouvir as crianças e sua centena de linguagens” (Cepi e Zini, 2013, p. 18). Desse modo, é importante que a organização dos espaços permita que as crianças tenham contato com “elementos de sua cultura, brinquedos, livros, imagens” (Bento, 2012, p. 19) se sintam representadas nesses artefatos e materiais.

Em todos espaços da creche emergem currículos que são vividos e praticados diariamente (Santos, 2017), no entanto, a sala referência foi o espaço que possibilitou observar por mais tempo como as crianças brincavam, interagiam entre elas e entre os adultos. Foi o espaço que, por ser individual daquele agrupamento de bebês e crianças bem pequenas, era organizado exclusivamente pela professora e com isso era possível perceber quais eram as suas intencionalidades e como as suas escolhas implicavam em um compromisso ético, político e estético. A utilização e a organização do próprio mobiliário nos dão pistas de como as crianças têm autonomia ou não para acessá-los ou se dependem exclusivamente dos adultos em sala para assim fazê-lo.

Na sala referência havia um trocador que era utilizado como armário. Em cima dele ficavam os colchonetes e uma caixa com brinquedos, os quais as crianças não conseguiam acessá-los, desse modo era muito comum vê-los nas pontinhas dos dedos tentando pegar. Por outro lado, nesse mesmo móvel havia na parte de baixo vários livros, os quais as crianças podiam pegar a qualquer momento do dia. Então, era muito corriqueiro as crianças irem até esse móvel e pegar os livros, sentarem para ler sozinhas ou para o colega. Os livros eram de diferentes materiais, havia os de tecidos e de papelão com diferentes gramaturas e texturas, os quais as crianças faziam as suas pseudoleituras e sempre tocavam na textura e oferecia ao colega para fazer o mesmo. Os livros com animais eram os preferidos. Ao ler uma história, principalmente se houvesse um ou mais telespectador, era comum ouvir eles fazerem as onomatopeias ou o avançar do livro sobre quem ouvia, como forma de dizer que aquele bicho, presente no conto, iria pegá-lo. De acordo com Baptista *et al* (2012, p. 301),

Muito antes de serem capazes de decifrar palavras ou de articular respostas verbais, os bebês demonstram gostar do contato com os livros. Eles aprendem a folhear as páginas e gostam de olhar as figuras. O contato com os livros é uma experiência significativa e gera respostas espontâneas e imediatas, como gargalhadas, emissão de sons de espanto ou tentativas de apontar imagens e fazer sinais. Por meio do livro o bebê realiza experiências de leitura sensorial num jogo que emprega sons, imagens e cores. Em geral, essa experiência é carregada de muita emoção e prazer de decifrar o sentido de uma imagem. A leitura ajuda a criança a satisfazer sua intensa curiosidade e seu desejo de aprender e de descobrir tudo o que puder sobre o mundo.

Observar a leitura entre as crianças, era muito comum em diversos

momentos do cotidiano. Bento (2012, p. 22) alerta para a seleção cuidadosa dos portadores textuais para as crianças, desde bebês. Para ela, “além da qualidade textual e das ilustrações é de grande relevância também observar do ponto de vista da igualdade racial”. Nesse sentido, é preciso garantir não só através das literaturas, mas de toda a organização do espaço, uma proposta de trabalho para a igualdade racial (Bento, 2012).

Para isso, é impreterível que se organize um espaço, de maneira representativa, acessível e que possibilite à criança ter experiências genuínas, criar oportunidades a partir das interações que são produzidas entre elas, pois, de acordo com Forneiro (1998), o espaço “fala”, ele autoriza a criança a ter autonomia, explorar e ter experiências significativas, logo que “os espaços não são neutros; sua organização expressa valores e atitudes que educam” (Bento, 2012, p. 19).

As paredes da sala em contexto eram bem minimalistas, havia o registro de pinturas realizadas pelas crianças, fotografias com os seus respectivos nomes e imagens de manifestações culturais de São Francisco do Conde-BA muito citadas pelas crianças, a saber: Capabode, Caretas, Bumba-meu-boi, entre outros. Para compor esse espaço, outro objeto que chamava muito a atenção era o espelho. De tamanho razoavelmente grande, as crianças conseguiam ficar até três em frente ao espelho se observando e/ou brincando. A posição em que o espelho estava instalado era bastante estratégico, próximo à porta, as crianças ao entrarem ou saírem sempre davam uma paradinha para se observarem. Segundo Bento (2012, p. 31), “o uso do espelho, desde o berçário, é um recurso importante para as crianças se reconhecerem, percebendo e identificando a imagem refletida como ‘sua’ e como sendo bonita”.

A relação do espelho com as escolas da infância é fundamental na construção da identidade, é tanto que este é considerado pelo RCNEI como um material pedagógico obrigatório nas instituições de Educação Infantil (Brasil, 1998). O fato das crianças pararem na frente do espelho para se olharem, possibilita o desenvolvimento da sua autoimagem corporal, bem como identificação das suas principais características como o seu tamanho em relação ao outro, cor de pele, cor dos cabelos, partes do corpo.

2.4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

A organização de um espaço propositor é fator preponderante no/para desenvolvimento das crianças desde elas bebês. Gonzalez-Mena (2014) aponta três grandes teóricos da educação que contribuíram significativamente em seus escritos sobre a importância da organização dos espaços nas escolas das infâncias. A referida autora destaca primeiramente Loris Malaguzzi, que defende que o ambiente é outro professor. Destaca, em seguida, Maria Montessori, que

preconiza um ambiente organizado com materiais de acordo com as faixas etárias dos sujeitos, favorecendo o desenvolvimento das crianças. E, por fim, Emmi Pikler, que alerta que os bebês precisam de um ambiente seguro para explorar, sem que isso lhes traga algum risco.

Diante disso, recorreremos aos Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (Brasil, 2018) que têm como principal característica elencar indicadores de qualidade para/no desenvolvimento da Educação Infantil. Destarte, o referido documento, descreve a sala referência da seguinte maneira:

As salas de atividades são espaços destinados às atividades pedagógicas infantis, organizadas e divididas de acordo com a faixa etária das crianças. Esses espaços preveem áreas adequadas às atividades propostas, com dimensionamento e mobiliário apropriados, de modo que contribuam para a vivência e incentivem a realização de práticas socioeducativas e expressões infantis como jogos, leituras e demais atividades específicas. As salas devem ser estimulantes, confortáveis, acolhedores e seguros (Brasil, 2018, p. 70).

O documento supracitado traz características de como deve ser uma sala, de referência ou de atividades, adequada para o trabalho pedagógico com os bebês e as crianças. Destarte, além das características já elencadas acima, é necessário avaliar a maneira como esteticamente são disponibilizados, os mobiliários e a funcionalidade dos mesmos, logo que não faz nenhum sentido mantê-los no espaço se não há um uso intencional e que dialogue com a faixa etária.

A partir da interação dos bebês e das crianças com os materiais dispostos na sala referência e em outros espaços era possível perceber a relação que era estabelecida entre as crianças e esses materiais. Ao observar os momentos de refeições, que aconteciam no refeitório, era notório como um conjunto de situações implicava no desenvolvimento dos bebês e das crianças bem pequenas, entre eles estava o mobiliário que não era adequado, pois eles ficavam com as pernas soltas, sem conseguir apoiá-las no chão devido à altura da mesa com os bancos em que eles se sentavam para fazer as refeições.

Com isso, para subir e/ou descer desses bancos os bebês e as crianças bem pequenas precisavam do suporte de um adulto para ajudá-los. Essa ação nos mostra que a autonomia dessas crianças foi subtraída no referencial curricular do município, quando afirma, em uma das expectativas de aprendizagem, que a criança deve saber subir e descer com autonomia. Um dos momentos mais genuínos do cotidiano das crianças, no qual poderiam ter excelentes experiências, acabavam cerceadas devido à falta de adequação do mobiliário para a faixa etária.

Outro aspecto que, de acordo com os recursos metodológicos utilizados,

ficou evidenciado é que os utensílios utilizados nas refeições também são materiais que podem ou não limitar o desenvolvimento de boas experiências curriculares no cotidiano. O fato de ser uma turma com faixa etária entre um ano e meio e dois anos, já dispunha de autonomia para se alimentar sozinhos e sempre que necessário solicitavam “ajuda” para a professora e agentes de apoio e inclusão.

No entanto, ao acompanhar os momentos de refeições foi possível perceber que a colher disponibilizada não é adequada, tanto o tamanho como o material. Algumas refeições, a citar o macarrão que ele não se sustenta na colher plástica. As crianças fazem porções e ao levar a boca o macarrão cai, o que faz com que elas utilizem a própria mão, peçam ajuda de um adulto e, em casos mais frustrantes, a criança desistia de comer. Essas e outras situações foram observadas pela professora e pelas agentes de apoio e inclusão, que, ao perceberem que uma criança apresentava dificuldade em se alimentar, elas prontamente perguntavam: - “você quer ajuda? ”. E as crianças aceitavam a ajuda ou não.

Ao retomarmos as cenas explicitadas a partir dos dados gerados, avaliamos o quanto de currículo está presente nessas ações dos bebês e das crianças bem pequenas. É um currículo vivo, que acontece no cotidiano e que é pouco documentado pelas docentes. A maneira como os espaços estão organizados e como os materiais são disponibilizados evidenciam se as crianças são “autorizadas” a acessar ou não determinados materiais. Materiais que podem potencializar as suas experiências com a alimentação, com a ação de subir e descer com autonomia, de pegar livros para ler sem intervenção dos adultos .

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como os bebês e as crianças bem pequenas se relacionam com os espaços, principalmente o da sala referência, diz muito da concepção da professora em relação a esses seres humanos de pouca idade. A docente relata na entrevista a sua dificuldade em ter acesso a materiais, uma vez que a mantenedora não dispõe a contento da materialidade necessária para o trabalho com os bebês e as crianças bem pequenas, a exemplo do mobiliário e dos brinquedos. Estes últimos são, em sua maioria, frutos de doação.

Quando pensamos no mobiliário, observamos também mesas e cadeiras que não atendem a faixa etária, utensílios para alimentação de plástico. Mesmo com esse cenário desfavorável do ponto de vista da materialidade e dos mobiliários, notamos o esforço vultoso da professora em oferecer uma organização na sala referência que propiciasse autonomia aos bebês e crianças bem pequenas. Seus nomes e fotografias estavam fixados na parede, um espelho estava em lugar estratégico, permitindo que os bebês e as crianças bem pequenas pudessem se observar e observar as características do outro, acessar os materiais sem

necessariamente ter um adulto regulando o tempo inteiro, um exemplo disso é o acesso aos livros, os quais as crianças podem pegar a qualquer o momento do dia.

Portanto, concluímos que a organização dos espaços, o tipo e a disposição dos materiais que compõem os espaços são elementos fundantes para a produção e a vivência do currículo no cotidiano da creche com os bebês, as crianças bem pequenas e suas professoras.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo; creche; espaços; bebês; crianças bem pequenas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. **PARÂMETROS DE QUALIDADE PARA EDUCAÇÃO INFANTIL E PARÂMETROS BÁSICOS DE INFRAESTRUTURA PARA INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL**. Brasília, DF, 2018. Disponível em:

http://docs.wixstatic.com/ugd/2bfe97_7b99b49d40484d089b9cc62e7b9056ad.pdf. Acesso em: 04 de mar. 2023.

BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari K. **INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO: UMA introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BENTO, M. A. S.; CARVALHO, S. P.; JÚNIOR. H. S. **EDUCAÇÃO INFANTIL E PRÁTICAS PROMOTORAS DE IGUALDADE RACIAL**. Centro de Estudos de Trabalho e Desigualdades – CEERT: Instituto Avisa lá – Formação Continuada de Educadores. São Paulo, 2012.

BAPTISTA, Mônica; CÂNDIDO, Flora Gomes; DÁRQUIA, Márcia; GALVÃO, Cristiane. Leitura para bebês e crianças pequenas: a experiência do projeto tertulinha da faculdade de educação da UFMG. *In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 18, 2012, CAMPINAS*. Anais do 18º COLE, Campinas, SP: ALB, 2012. Disponível em https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais18/pdf/ltp_58_suplemento_18cole_01_401.pdf. Acesso em 17 de maio de 2024.

CEPPI, Giulio; ZINI, Michele. **CRIANÇAS, ESPAÇOS, RELAÇÕES: Como projetar ambientes para educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FORNEIRO. Lina Iglesias. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **QUALIDADE EM EDUCAÇÃO INFANTIL**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GONZALEZ-Mena, Janet. **O CUIDADO COM OS BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NA CRECHE: UM currículo de educação e cuidados baseados em relações qualificadas**. 9ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

HORN, Maria das Graças Souza. **BRINCAR E INTERAGIR NOS ESPAÇOS DA ESCOLA INFANTIL** Porto Alegre: Penso, 2017.

NUNES, Mighian Danae Ferreira. **“VOCÊ VEIO OLHAR A GENTE OU ESCREVER?”: USOS do caderno de campo em pesquisa com crianças numa escola de educação infantil**. Revista Zero-a-seis, Florianópolis, v. 21, n. 40, p. 389-414, set/dez., 2019.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. **CURRÍCULOS PRATICADOS COM BEBÊS: Professoras com a palavra.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. **“NÓS ESTAMOS FALANDO! E VOCÊS, ESTÃO NOS ESCUTANDO?” CURRÍCULOS PRATICADOS COM BEBÊS: professoras com a palavra.** Tese de Doutorado em educação – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

VASCONCELOS, Queila Almeida. **CRIANÇAS BEM PEQUENAS NO COTIDIANO DA ESCOLA: tecendo relações entre participação e interesse de aprendizagem.** [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: UFRGS, 2015